



Público

Caderno P2

13-01-2012

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Cultura

Dimensão: 402

Imagem: S/Cor

Página (s): 13

Centro de Arte Moderna da Gulbenkian

# A crise é real, mas não mata a programação

## Primeira exposição portuguesa de Josef Albers e o assinalar do ano Portugal-Brasil

**Mário Lopes**

● A crise foi, naturalmente, referida ao longo da apresentação, na manhã de ontem, de programação para 2012 do Centro de Arte Moderna (CAM) da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Em 2011, o CAM recebeu menos 30 mil visitantes do que no ano anterior, revelou a directora Isabel Carlos. Para o decréscimo de 118.810 para 88 mil entradas contribuíram o encerramento do centro durante um mês, para montagem da exposição da colombiana Doris Salcedo, mas também a quebra de 30% nas visitas escolares. “As câmaras municipais não têm dinheiro para pagar o transporte dos alunos”, justifica a directora,

que, ainda assim, registou com agrado o aumento das entradas de estudantes de Belas-Artes.

Crise, portanto. Mas a crise não elimina a ambição. A de, por exemplo, mostrar pela primeira vez em Portugal a obra do pintor germano-americano Josef Albers, “um dos grandes pilares da arte do século XX”, e pô-la em relação, recorrendo à colecção do CAM, com a produção portuguesa sua contemporânea. A de acolher uma retrospectiva do artista conceptual espanhol Antoni Muntadas (*Entre/Between*), ou de assinalar este que é o Ano Portugal-Brasil, celebrado nos dois lados do Atlântico, com exposições de Beatriz Milhazes (*Quatro Estações*) e de Rosângela Rennó (*Frutos Estranhos*).

O olhar para o exterior, como é

desejo manifesto da directora do CAM, estará em constante diálogo com a produção artística nacional: a primeira exposição póstuma de Jorge Varanda, uma “biografia comentada” de Alberto de Lacerda, uma antologia de Carlos Nogueira ou *A mata B*, a exposição que o colectivo A kills B, fundado em 2007 por Hugo Canoilas e João Ferro Martins, preparou.

Depois de um ano que encerrou com *Plegaria Muda (Oração Silenciosa)*, a primeira exposição portuguesa da colombiana Doris Salcedo (destacada na revista *Art Forum* como uma das melhores de 2011), este ano iniciou-se com *task performance* (até dia 20), um ciclo de filmes e vídeos de Robert Morris, Dennis Oppenheim e Roman Signer. Como se lê no texto de apresentação, estes artistas representavam, na década de 1960 e 1970, a vontade de substituir - em sintonia com a “nova dança” de coreógrafas como Yvonne Rainer, Lucinda Childs e Trisha Brown - “qualquer interpretação ilusionista pela experiência directa do tempo real, o tempo da experiência das nossas acções comuns”.

Se 2011 foi no CAM aquele que Isabel Carlos classificou como “o ano da Escandinávia”, fruto das parcerias estabelecidas com instituições daquela região, este será “o ano da Suíça”. *Quatro Estações*, de Beatriz Milhazes (17 de Fevereiro a 13 de Maio), nasce da colaboração com a Fundação Beyeler de Basileia, e *Frutos Estranhos*, de Rosângela Rennó (de 17 de Fevereiro a 6 de Maio) resulta de uma parceria com o Fotomuseum Winterthur de Zurique.

A 18 de Maio chegará ao CAM aquela que a revista francesa *Beaux Arts* considerou uma das melhores exposições de 2011 em França. *Pintura sobre papel - Josef Albers na América*, que estará patente até 1 de Julho, apresenta uma obra que ficou célebre pelas *Homenagens ao Quadrado*, pintadas entre 1950 e 1976, através de 80 estudos pouco conhecidos do artista nascido na Alemanha em 1888.

*Entre/Between*, de Antoni Muntadas, um dos primeiros a reflectir a problemática das relações entre a arte, os *media* e a vida, chega a 7 de Junho, vindo do Rainha Sofia, em Madrid. Do Irish Museum virá, a 21 de Setembro, *Imagens ou Sombras*, do irlandês Gerard Byrne.



Arte Vida de Antoni Muntadas

CORTESIA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN